As facetas da condição humana sob a perspectiva de Téo e Eulália, uma criação de Caetano Cury[1]

The facets of the human condition from the perspective of Téo and Eulália, a creation by Caetano Cury

Maria Heloiza Alves Pereira Santana[2]
Universidade Estadual de Londrina
Maria Isabel Borges[3]
Universidade Estadual de Londrina

10.11606/2316-9877.Dossie.2024.e231003

Resumo
A acepção da condição humana transcende o *deslocamento* da identidade, envolvendo o processo de "tornar-se" e não só o de "ser" (Hall, 2006). A fluidez da identidade destaca-se, indicando que o significado não é acabado, e sim moldado por pluralidades intrínsecas à percepção do mundo cultural. Nesse contexto, as temáticas compiladas em *Téo & o Mini Mundo*, de Caetano Cury (2020), tornam-se ferramentas para a reflexão da busca que permeia a ação da tentativa de alcançar a unidade, mas torna-se fragmentada. O objetivo é relacionar a construção da tira com os recursos da linguagem dos quadrinhos e a temática da condição humana por meio de uma análise interpretativista. A partir da compilação de tiras, foram identificadas três facetas: a compreensão da vida a partir da existência e da morte; a exploração das emoções a partir dos conflitos internos e externos e a crítica às relações sociais. Para tanto, a análise compreende o diálogo entre as personagens Téo e Eulália, em sintonia com alguns recursos (cena narrativa, espaço e expressividade das personagens). São utilizadas as contribuições de Acevedo (1990), Cagnin (2014) e Ramos (2012) para a linguagem quadrinística.

Palavras-chave: Condição humana. Identidade. Linguagem dos quadrinhos. Tiras.

---

[1] Apresentado na Sessão Temática 16 – Quadrinhos, História e Sociedade – VI, das *8as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, em 21 ago. 2024.

[2] Mestranda em Estudos da Linguagem (PPGEL) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora na área de Educação Infantil. Participa do projeto de pesquisa "Quadrinhos e análise linguística: as personagens em atuação nas novelas gráficas", coordenado pela professora Dra. Maria Isabel Borges. Email: maria.h10@hotmail.com. ORCID iD: https://orcid.org/0009-0001-3360-8608.

[3] Doutora em Linguística. Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) e da Especialização em Língua Portuguesa. Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná. Coordenadora do projeto de pesquisa "Histórias em quadrinhos, manifestações e representações do sofrimento: um estudo sobre as personagens em novelas gráficas". Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) "Quadrinhos, Estudos e Perspectivas de Mundo" (QUAESPEM). Email: mariaborges@uel.br. ORCID iD: https://orcid.org/0000-0002-3470-9566.

Abstract
The meaning of the human condition transcends the displacement of identity, involving the process of "becoming" and not just that of "being" (Hall, 2006). The fluidity of identity stands out, indicating that meaning is not finished, but shaped by pluralities intrinsic to the perception of the cultural world. In this context, the themes compiled in Téo & o Mini Mundo, by Caetano Cury (2020), become tools for reflecting on the search that permeates the action of trying to achieve unity, but becomes fragmented. The aim is to relate the construction of the strip to the language resources of comics and the theme of human condition through an interpretivist analysis. Three facets were identified from the compilation of strips: the understanding of life based on existence and death; the exploration of emotions based on internal and external conflicts; and the critique of social relations. To this end, the analysis includes the dialog between the characters Téo and Eulália in line with certain resources (narrative scene, space and expressiveness of the characters). We will use the contributions of Acevedo (1990), Cagnin (2014) and Ramos (2012) to the language of comics.

Keywords: Human condition. Identity. Comics language. Comic strips.

Considerações iniciais

Téo surgiu no cenário do *Mini Mundo* em 2012. Eram apenas ele e o microscópio; porém, Caetano Cury, o criador, apontou para a necessidade de uma companhia. A busca era por uma presença que, por contraste, delineasse a visão de percepção de mundo do garotinho Téo. Assim, “nasceu” Eulália, uma borboleta personificada. Cury (2020) concebeu dois polos: Téo representa o “coração”; enquanto Eulália, o “cérebro”, personificando a dicotomia entre razão e emoção. São duas partes que se diferenciam, mas que precisam um do outro para completar-se. Juntos, delineiam diálogos que começam desde as inquietudes sociais até aquelas em que o microscópio se amplia para o próprio “eu” de Téo. Por meio desse microscópio, reflete sobre o sentido da vida e busca a completude.

Téo é um menino de cabelos ruivos, retratado descalço, imprimindo a simplicidade peculiar à sua imagem. Os pés descalços estão em contato com a terra. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2015), isso denota a percepção da realidade. Enquanto Téo está em busca de totalidade, tornando-se uma ilusão, mas precisa antes ter percepção de mundo. O garotinho, muitas vezes é apresentado com o microscópio. Assim, o seu olhar atravessa a lente ocular para visualizar o minimundo que, em comparação com o ambiente no qual ele se localiza, é concebido em dimensões reduzidas.

No contexto de *Téo & o Mini Mundo*, o microscópio se apresenta como uma entidade paradigmática, uma ferramenta que transcende sua mera utilidade científica para se tornar um microcosmo emblemático. Porém, ao deter o olhar que compõe o tecido da existência, muitas vezes ele mantém, de forma reversa, de fora para dentro, catalisando apenas detalhes da perspectiva externa dos seres humanos que observa, não imerso diretamente nas complexidades. Já Eulália, a borboleta personificada, a qual manifesta fala e pensamento, conduz o olhar de dentro para fora, convidando Téo a virar a lente para enxergar a si mesmo. Sendo assim, de que maneira o diálogo entre Téo e Eulália nas tiras traduzem as múltiplas facetas da condição humana, incluindo aspectos filosóficos, emocionais e sociais? E como essas representações se articulam e materializam na linguagem quadrinística?

As tiras foram inicialmente publicadas no blogue[4] e *facebook*[5], depois compiladas em três volumes: a) *Téo & o Mini Mundo: o livro* (Cury, 2020a); b) *Téo & o Mini Mundo: o lugar do outro* (Cury, 2020b); c) *Téo & o Mini Mundo: quentinho no coração* (Cury, 2022). Optou-se, neste trabalho, por categorizar as tiras compiladas no primeiro volume, virtualmente publicadas entre 2012 e 2019. Foi realizada a observação de três temáticas principais. Assim, foram selecionadas trinta e nove tiras para responder à problemática desta pesquisa. Dentre as temáticas identificadas, destacam-se: (a) sentido e a compreensão da vida a partir da existência e da morte (9 tiras); (b) exploração das emoções a partir de conflitos internos e externos (20); (c) crítica referente às relações sociais (10). A primeira temática envolve questões filosóficas acerca da natureza humana e do propósito da vida. Já a segunda concentra-se na experiência emocional do protagonista Téo e dos humanos que ele observa por meio do microscópio. Por fim, na terceira, abordam-se interações interpessoais, incluindo temas como democracia, críticas sociais e classe social.

Na próxima seção, são apresentadas algumas considerações sobre a percepção do mundo dos humanos, além da condição e identidade humanas. Para tanto, são trazidos à baila as ideias de Bauman (2005), Borges (2023), Borges e Cominato (2021), Hall (2006; 2014), Silva (2014) e Woodward (2014). A análise baseia-se nos recursos quadrinísticos (expressividade facial e

[4] Disponível em: https://www.caetanocury.com.br/. Acesso em: 12 out. 2024
[5] Disponível em: https://www.facebook.com/TeoEOMiniMundo. Acesso em: 12 out. 2024.

corporal; construção de personagem; elementos do tempo, espaço e vinheta), segundo Acevedo (1990), Cagnin (2014), Eisner (2010) e Ramos (2012). Em seguida, brevemente é conceituada a tira livre, de acordo com Ramos (2016). Nas três seções subsequentes, três tiras são analisadas, combinando os estudos identitários com os recursos quadrinísticos, a fim de mostrar as facetas identitárias sob a percepção das personagens Téo e Eulália.

1 - Condição humana e percepção do mundo dos humanos: alguns aspectos teóricos

As tiras são inspiradas no mundo real e refletem sobre a condição humana sob a ótica das personagens Téo e Eulália. Segundo Acevedo (1990) e Eisner (2010), os quadrinhos oferecem diferentes perspectivas sobre o mundo e o representam. Conforme Borges (2023) e Borges e Cominato (2021), uma das funções da representação linguístico-quadrinística é possibilitar uma parcial compreensão do mundo, configurando um ato de interpretação. Além disso, conforme Santana (2024a, p. 54), “As tiras, por serem baseadas em uma acepção filosófica e tratarem do mundo dos humanos, são construídas a partir de percepções de mundo que influenciam a construção das temáticas”.

Os leitores são coparticipantes na experiência e interpretação da leitura e o quadrinista, inserido no meio social, representa o mundo. Cotidianamente, as ações do sujeito na sociedade revelam uma complexidade, um aspecto problematizado. Nos quadrinhos, essa complexidade se manifesta por meio de sua linguagem própria, que se materializa nas tiras. Entre os aspectos explorados, destacam-se a necessidade de introspecção, a problematização dos conflitos internos, as concepções sobre a existência e a morte, além das reflexões sobre as relações entre os sujeitos.

Nas tiras livres de *Téo & o Mini Mundo*, palavra e imagem se unem para a representação da percepção de mundo. Téo expressa, no momento do enunciado, sua percepção, sendo contraposto por Eulália, que aparece para interromper o processo de estabilidade, moldando e sugerindo outros caminhos a serem pensados e observados. É possível delinear o interesse de ambos os personagens em relação àquilo que é essencialmente humano.

As facetas da condição humana nas tiras livres constroem-se a partir das perspectivas de mundo das personagens Téo e Eulália. No entanto, é importante lembrar que essas perspectivas formam um todo e o fazer quadrinista deve ser levado em consideração, devido ao propósito do ato de criação. Identifica-se, nas tiras analisadas, que uma percepção é retratada, fazendo referência à fragmentação identitária que reflete as múltiplas questões sócio-histórico-culturais dos sujeitos. Em ambas as temáticas — (a) *a compreensão da vida a partir da existência e da morte* e (b) *os conflitos internos* — a morte surge como a única certeza, compartilhada por todos os seres vivos, algo inerente à condição humana. A existência se manifesta nos questionamentos de Téo, que busca a completude da vida. Em vez de procurar sentido exterior, Téo precisa olhar para dentro de si mesmo, para se constituir como sujeito.

Na série *Téo & o Mini Mundo*, a identidade e a diferença incidem na interação entre os sujeitos no contexto sócio-histórico-cultural, na atribuição de sentidos à vida e na busca por certezas, mesmo que sejam paradoxais. O "outro" é problematizado, especialmente no caso da personagem Téo, cuja identidade é discutida. Ele precisa entender a marcação da "falta" para que não busque sentido no exterior de si mesmo. Já Eulália surge nesse processo como o contraponto nos diálogos. Para Silva (2014), a identidade e a diferença operam nos processos de produção social e envolvem relações de poder, que são fundamentais para a construção do significado. O impasse surge no encontro com o outro, como no caso de Téo, que observa o "outro" enquanto busca de significação. Por sua vez, Woodward (2014) destaca a dependência simbólica e social entre identidade e diferença. Os seres humanos interagem em um contexto sócio-histórico específico, mas os sujeitos só atribuem sentido ao mundo e o constroem significativamente por meio dos sistemas classificatórios. Não há uma unidade fixa a ser seguida, nem uma verdade única e estável. A problemática central reside na busca constante dos humanos por tentar compreender a vida, enquanto vivem em uma cultura que é profundamente estruturada por esses sistemas de classificação.

Bauman (2005) discute os distanciamentos que os sujeitos mantêm em relação ao que observam. Ele afirma que "[...] nós habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades *em movimento* — lutando para nos juntarmos

aos grupos igualmente móveis e velozes [...]" (Bauman, 2005, p. 32). Na terceira temática — *a crítica referente às relações sociais* — a ideia de Bauman (2005) se aproxima da discussão sobre o excesso de individualidade, uma vez que as pequenas coisas cotidianas deixam de ser notadas. Nas tiras, as questões como o afeto, o uso dos celulares e das redes sociais, a empatia, o amor, a leitura de livros e até mesmo o ato democrático são temas recorrentes.

O mundo é percebido sob a perspectiva das personagens, que refletem sobre o olhar da complexidade e do papel do ser humano nesse cenário, onde a introspecção, como apontado por Andy Hargreaves (2003[6] *apud* Bauman, 2005, p. 31), é uma atitude em extinção.

Stuart Hall (2014) afirma que as identidades devem ser compreendidas como aquilo que fixa a diferença, funcionando como um contrapelo. Nesse sentido, seria o momento de os sujeitos humanos olharem para o que lhes falta, pois a identidade almeja essa ausência. Ela tem a necessidade dessa ausência (falta) — que é parte de um processo de construção identitário — porque o sujeito depende da diferença, da própria constituição para definir sua identidade. Assim, a "falta" não tem o objetivo de transformar ou tornar o "outro" em algo desprezível.

Diante disso, na linguagem quadrinística, também entendida como uma forma material, concreta de representação (Borges, 2023), a percepção de mundo sob o olhar de Téo e Eulália e em relação à identidade e à diferença possibilita o entendimento, em certa medida, da complexidade humana. Esse processo implica um ato que necessariamente precisa de um revestimento anterior de "ser", para posteriormente "tornar-se" (Hall, 2006).

2 - Alguns aspectos sobre a condição humana sob a perspectiva de Téo e Eulália

Esta seção organiza-se em quatro partes. Na primeira, a tira livre é conceituada como um novo gênero quadrinístico consolidado (Ramos, 2016). Na segunda, explora-se a temática (a) *o sentido e a compreensão da vida a partir da existência*. Na terceira e na quarta, respectivamente as temáticas (b) *a*

[6] HARGREAVES, Andy. *Teaching the knowledge society*: education in the age of insecurity. Maidenhead: Open University Press, 2003.

exploração das emoções a partir de conflitos internos e externos; (c) *crítica referentes às relações sociais* são analisadas.

2.1 Uma breve concepção de tira livre

A tira livre ganhou notoriedade a partir de 2005, especialmente com a produção intitulada *Piratas do Tietê*, criada por Laerte e publicada no jornal *Folha de São Paulo*, segundo Ramos (2016). Este marco significou um avanço na liberdade criativa, pois as tiras começaram a explorar uma variedade de estilos e temas sem a necessidade de seguir um padrão, o que permitiu um espaço inovador para os quadrinistas.

Para Ramos (2016, p. 71), a definição da tira livre como um novo gênero se destaca por "ausência de humor e de piada, como nas tiras cômicas; histórias narradas em uma lufada só, ao contrário das histórias seriadas". No caso específico de *Téo & o Mini Mundo,* as tiras não podem ser categorizadas como cômicas, apesar de apresentaram formato horizontal, com uma ou mais de três vinhetas, personagens fixas e uma sequência narrativa e diálogos — características comumente encontradas nas tiras cômicas. Elas se caracterizam como tiras livres pelo fato de os temas abordados serem reflexivos, afastados do tom humorístico. Não culminam em desfechos cômicos.

2.2 O sentido e a compreensão da vida a partir da existência

Os conflitos existenciais que levam os humanos a se questionarem são parte inerente da condição humana, uma vez que frustações, medos e transformações fazem parte de sua natureza. Segundo Arendt (2007, p. 10), "A condição humana compreende mais que as condições sob as quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência". Nesse contexto (figura 1), Téo problematiza a natureza humana ao refletir sobre o sentido de "voar".

Figura 1 – “Não consigo voar e sofro por isso” (título atribuído pelo cartunista)

Fonte: Disponível em: https://teoeominimundo.com.br/tirinha-nao-consigo-voar-e-sofro-por-isso/. Acesso em: 28 set. 2024. Republicação em: Cury, 2020, p. 86.

As três tiras analisadas neste artigo não possuem *linhas demarcatórias*, conforme o termo utilizado por Acevedo (1990). Eisner (2010, p. 44) diz que o quadro contém a visão do leitor, funciona como um “contêiner”. Já a ausência de requadro favorece a construção de sentidos: “[...] não é tanto estabelecer um palco, mas antes aumentar o envolvimento do leitor com a narrativa [...]” (Eisner, 2010, p. 45). Em *Téo & o Mini Mundo,* essa ausência é uma composição recorrente em praticamente todos os textos da série.

Na primeira vinheta, Téo e Eulália são vistos de perfil. É possível notar o naipe de copas, representado pelo símbolo de um coração vermelho, na asa de Eulália. Téo inicia a narrativa afirmando que não consegue voar, ao qual Eulália responde que tal ação não faz parte da natureza dos seres humanos. A palavra “voar” é polissêmica e minimamente possui dois sentidos distintos a partir da perspectiva de Eulália: ela se refere ao ato de se deslocar pelo ar, característico de insetos, como ela, uma borboleta, e outros animais alados. Já Téo interpreta “voar” de forma subjetiva, associando-o à ideia de liberdade, de desprendimento do sentido físico, algo que sugere transcendência e elevação.

Na segunda vinheta, ao ouvir a resposta de Eulália, Téo coloca as mãos para trás e abaixa um pouco a cabeça, um gesto significativo na linguagem quadrinística. De acordo com Ramos (2012), a imagem e o proferimento estão em sintonia, de modo a reforçar o sentido pretendido. No caso da tira, o gesto sublinha um ato reflexivo e resignado, pois a personagem admite a necessidade de aceitar quem ele é.

Ao usar a palavra "verdade", Téo busca afirmar uma certeza em relação a uma questão complexa: sua identidade e seu pertencimento, alinhando-se ao que Eulália fala. Nesse contexto, destaca-se na tira a importância da *introspecção*, que, como já mencionado, está em extinção (Hargreaves *apud* Bauman 2005). Téo está concentrado na sua validação e aceitação externas, criando um descompasso com o que é importante: ele mesmo se validar e aceitar-se como é, um ser que não voa. A borboleta, por sua vez, confirma que a autoaceitação é algo positivo; faz-lhe bem. Já o uso das reticências sugere um momento de reflexão, reforçando o questionamento e a incerteza da aceitação de si.

Na terceira vinheta, Téo aceita si mesmo, mas não é uma aceitação materializada a partir do uso do ponto-final. Há duas exclamações, o que pode sinalizar uma impaciência pela autoaceitação. É como se esse processo ocorresse imediatamente, porém se trata de um processo complexo e demorado.

Como destaca Woodward (2014, p. 17-18), os sujeitos são posicionados a partir de sistemas simbólicos e práticas de significação "É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos". O garotinho problematiza os sistemas simbólicos, uma vez que expressa o desejo do "tornar-se" algo mais, ele quer "voar", mesmo não sendo um ser que voa. Isso nele gera frustração; ele sofre por algo que lhe falta. O desejo por algo ausente ou que não possa fazer está em conflito com quem ele é. Téo, uma personagem que representa um ser humano, não voa. Em contrapartida, Eulália, uma personagem que representa uma borboleta e possui características humanas (falar, pensar, por exemplo), voa. Nesse sentido, o garotinho almeja algo que não lhe é marcadamente característico, à medida que isso está presente como típico em sua amiga.

A identidade e as experiências dos sujeitos entram em confronto com a cultura e a história. Como argumenta Silva (2014), a partir das relações de poder,

“novas” identidades são impostas aos sujeitos e são constantemente disputadas por eles. A crise identitária de Téo está na diferença, ou seja, nas relações entre a identidade dele como personagem que não voa em contraposição com alguém que voa, a borboleta Eulália.

Com os braços cruzados e a cabeça erguida, Téo demonstra uma postura de impaciência, aparentando não aceitar o que Eulália acabou de dizer. Eulália, então, questiona como ele se sente em relação à rápida aceitação alcançada. Nesse momento, o plano da vinheta é geral, pois observa-se a cena como um todo, onde é possível ver uma árvore à direita. Téo responde que se sente leve, referindo-se à leveza física desses insetos. Mas, para ele, “leve” simboliza a liberdade. Eulália encerra a narrativa ao fazer o comentário “Como é bom ter os pés no chão...”, sugerindo uma percepção da realidade — talvez “menos sonhadora ou romântica”, mais amadurecida quanto à própria identidade. Enquanto a “cabeça” de Téo indica um desejo de afastar-se da materialidade, seus pés descalços, em contato com a terra, evocam a chamada para a própria percepção de si no mundo, algo mais real, palpável, concreto. Quem ele é? Ele é Téo. Estar com os pés no chão faz parte de sua natureza como sujeito humano.

Téo pode não ter asas para voar como a borboleta Eulália e outros bichos (assim como as árvores não voam), mas ele pode voar simbolicamente. A presença da árvore na última vinheta pode indicar a possibilidade de “criar raízes”. Além disso, desejar essas raízes pode ser uma resposta à crise identitária causada por diversos fatores, como a globalização, que, no contexto da pós-modernidade, deslocou dois pilares mencionados por Bauman (2021): o “tempo” e o “espaço”. Com isso, rompe-se a unidade à medida que tudo se torna transitório e obsoleto. O que está em jogo é pensar o lugar de cada um no mundo, a posição que cada um nele ocupa, preenche. A partir desse lugar, cada um se configura como sujeito, esboça uma identidade que também é diferente do lugar do outro, uma posição preenchida pelo outro.

2.2 Conflitos internos

A tira (figura 2) intitulada “Muito tempo no microscópio” (Cury, 2020) apresenta dois andares. São oito vinhetas, nas quais, com base em Cagnin (2014), a comparação entre uma vinheta e outra gera a impressão de passagem de tempo. No espaço das tiras, de acordo com Ramos (2012), há a exploração de diferentes ângulos e planos. As tonalidades do espaço narrativo da tira livre tendem ao bege, com ausência de um cenário definido, exceto pela marcação do chão em tons terrosos, sugerindo que Téo está em contato direto com a terra. Em comparação com a primeira tira (figura 1), as três últimas vinhetas apresentam uma pequena marcação de um ambiente rural.

Figura 2 – “Muito tempo no microscópio” (título atribuído pelo cartunista)

Fonte: Cury, 2020, p. 87.

O diálogo é iniciado por Eulália. Quando ela observa que Téo está usando o microscópio, diz que ele passa muito tempo em tal objeto, instigando-o a se voltar para sua própria introspecção. Téo está sentado, enquanto a borboleta está ao lado dele. Na segunda vinheta, a ação em curso muda: Eulália agora aparece voando; a parte traseira de sua asa vermelha fica visível. O leitor pode inferir os gestos a partir da transição entre as vinhetas: inicialmente, Eulália estava pousada e, na segunda, está voando. Ela continua a aconselhá-lo nas

três vinhetas consecutivas. O uso dessas três vinhetas marca o ritmo temporal da tira, em que cada fala é acompanhada por uma ação correspondente no espaço, alinhando-se aos gestos e movimentos. Diante dessas reflexões, Téo questiona se o processo vai doer.

Na tira anterior (figura 1), Téo traz o sofrer como uma falta. Nesta tira, o sofrer, quando necessário, ele é negado. Ou foge dele. A busca por algo no exterior é mais interessante e simples. Assim, Téo recusa a sua própria "natureza" humana: o sofrimento causado pela introspecção.

Os gestos corporais e faciais são essenciais para a expressividade, como mencionado anteriormente, especialmente para marcar o elemento surpresa e reforçar o sentido pretendido na tira, que vai se alterando gradualmente. Inicialmente, ele olha para Eulália, mantendo a cabeça na vertical; depois, inclina-a para baixo. Na última vinheta, ele se senta no chão e volta a olhar o microscópio, como na primeira vinheta. Em todas as ações, há a abstenção de sua fala, exceto na quinta vinheta.

Essa movimentação de sentar-se e olhar, pelo microscópio, os outros para levantar-se e afastar-se do objeto (não olhar) gera uma expectativa de que Téo irá aceitar a urgência pela introspecção, olhar para si. Porém, essa expectativa não leva ao desfecho cômico, e sim ao manter o ato de olhar o outro. Na tira, há um jogo entre olhar os outros e olhar para si. Ele precisa escolher. Além disso, Téo não quer olhar para si. Em vez disso, ele quer continuar olhando os outros. O outro não o define como sujeito. Em vez disso, a própria constituição como sujeito mantém-se "nebulosa", indefinida. Nesse contexto, a tira transcende a multifacetada experiência humana contemporânea, abordando os conflitos internos do garotinho.

Atualmente, ao pensar na identidade do sujeito, não se pode considerá-la como uma unidade definida, imutável e completa. Os sujeitos não devem buscar sentido exclusivamente no "outro" (feita em um segundo momento); e sim, em primeiro lugar, precisa realizar a catálise do interior para o exterior, sem, contudo, isolar essa busca. A busca, portanto, deve ser compreendida como parte da totalidade que constitui a complexidade e a condição humana. A sequência narrativa é construída em torno dos significados que Eulália desencadeia em Téo. A reação dele de surpresa aos questionamentos feitos por ela revela a profundidade dessas reflexões.

Em contrapartida, a dor emocional acompanhará Téo ao longo do confronto “interno” para aceitar suas fraquezas, destacando a necessidade de evitar uma visão essencialista. A movimentação de Téo (principalmente) sugere a necessidade de transformação atrelada ao “tornar-se”, com base nas ideias de Hall (2006).

2.3 Crítica referente às relações sociais

Nas dez tiras que abordam críticas sociais, Téo assume o papel de observador tanto do outro quanto de si mesmo. Em várias tiras, ele se mostra disposto a observar como forma de construir-se como sujeito. No entanto, quando não está nessa posição, ele se coloca como “superior” em relação ao “outro” e o critica. O microscópio, nesse contexto, amplia seu uso tradicionalmente científico, tornando-se uma ferramenta para observar a vida das pessoas, em especial no meio urbano, nas cidades. Ao analisar cada uma das tiras, identificam-se alguns temas: democracia, casamento, uso de redes sociais, assaltos e relações sociais, afeto. Na tira em análise (figura 3), o foco recai sobre um problema na sociedade: o ato de pedir esmolas no semáforo.

Figura 3 – Um cego no semáforo

Fonte: Publicado em: 19 ago. 2015. Disponível em: https://teoeominimundo.com.br/teo-o-mini-mundo-tirinha-0069/. Acesso em: 30 set. 2024. Republicação em: Cury, 2020, p. 38.

A tira (figura 3), composta por duas vinhetas, aborda questões sociais, como, por exemplo, a marginalização, representando uma pessoa em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Esse ato, além da sua finalidade de buscar a assistência material imediata, desencadeia uma série de reações e

modificações no contexto urbano em que ocorre. O ambiente da tira é um semáforo, mesmo que o leitor não tenha acesso ao que Téo observa. O garotinho, por meio de pistas linguísticas como “cego”, “esmola” e “semáforo”, descreve o contexto. Imagina-se, então, uma cena típica, em que os motoristas param os veículos no semáforo, algo comum em espaços urbanos. A pessoa que solicita esmola, no contexto apresentado por Téo, é um indivíduo com deficiência visual (ausência total de visão), pois ele utiliza o termo “cego” para indicar a perda completa da visão. A prática de esmolar, nesse caso, envolve um sujeito que se posiciona na sociedade, de maneira vulnerável. Essa interação é reveladora da interdependência entre o sujeito que pede e a realidade social.

A forma de subjetivação desses sujeitos, expressa por meio da linguagem dirigida aos possíveis doadores, coloca-os em um lugar de necessidade, destacando problemas mais amplos relacionados a políticas públicas e assistência social. Ao escutar a observação de Téo, Eulália pergunta sobre a reação dos motoristas. A indagação sugere uma análise das ações daqueles que, ao se depararem com a pessoa em estado de vulnerabilidade, são colocados em uma posição de decisão. A relação interpessoal dinâmica entre o sujeito vulnerável e o possível sujeito doador é complexa, envolvendo mais do que uma simples troca: é uma interação que revela tensões sociais e desigualdades, podendo influenciar não apenas os envolvidos, mas também o ambiente social onde estão inseridos.

O indivíduo vulnerável assume uma posição de dependência, buscando auxílio daqueles que possuem mais recursos. Nesse momento, estabelece-se uma relação direta entre o sujeito pedinte e o sujeito doador, marcada por uma troca desigual de recursos, poder e posição social. Essa interação pode provocar diversas reações emocionais e comportamentais no doador em potencial. Alguns podem sentir empatia e compaixão, motivando-os a oferecer ajuda na forma de doações. Essa atitude reflete valores de solidariedade e generosidade presentes na sociedade. Por outro lado, outros podem reagir de forma negativa, movidos por preconceitos, desconfiança ou desinteresse, o que evidencia desafios sociais relacionados à estigmatização e à discriminação.

Segundo Silva (2014, p. 98), “[...] é a produção de novas dicotomias, como a do dominante tolerante e do dominado tolerado ou a da identidade hegemônica mas benevolente e da identidade subalterna mas ‘respeitada’”. Na

tira, observa-se a identidade hegemônica, na qual o cego representa a identidade subalterna, que é "respeitada" a partir do que o "outro" (o motorista) convém. Tal motorista ignora o cego e assume uma posição de dominante, chegando a tolerar "passivamente" à medida que se torna o "benevolente", uma posição evidenciada no olhar de quem pede.

Téo, ao observar o contexto urbano, faz uma classificação. A partir disso, realiza um julgamento sobre os humanos — os motoristas. A postura do motorista, na tira, reflete uma crítica à sociedade contemporânea. "Fazer-se de surdo" significa ignorar a condição marginalizada da pessoa. Silva (2014, p. 97) aponta que, "[...] numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, expressa-se por meio de muitas dimensões". A questão do "outro" (o estranho) acaba por tornar um problema social, quando se fala da diferença.

O desenvolvimento da sensibilidade é necessário para compreender a importância de ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade. Desse modo, a face triste de Téo, cabisbaixo, demonstra como a falta de conexão nas interações humanas leva à apatia e à indiferença.

Considerações finais

Conclui-se que a sinergia da identidade desvela um fio condutor para a produção de sentidos nas tiras em *Téo & o Mini Mundo.* A análise permitiu a identificação de facetas fundamentais da identidade, desde a introspecção até a crítica das relações sociais. A temática *o sentido e a compreensão da vida a partir da existência* (primeira tira, figura 1) é permeada por momentos de incerteza. Os diálogos entre as personagens instigam o leitor ao apresentar a vida como um processo contínuo de questionamento e aceitação, como parte da natureza humana, mas que é importante "manter os pés no chão". Na temática *exploração das emoções a partir de conflitos internos e externos* (segunda tira, figura 2), os conflitos internos ilustram como a identidade é moldada nas interações entre o "eu" e o mundo exterior. A tira enfatiza que o enfrentamento dos conflitos pelos seres humanos é problematizado sob o viés da introspecção. *A crítica referente às relações sociais* destaca desigualdades e tensões do meio urbano, por meio

da observação do sujeito humano (terceira tira, figura 3). As relações humanas são marcadas por conflitos, refletindo a estrutura desigual do meio social.

Diante da reflexão de cada faceta, observa-se que a interação entre os protagonistas permite conectar com uma noção de identidade sob a percepção do que Téo tem sobre si e sobre o mundo. A percepção de mundo do garotinho muitas vezes é individualista, pois ele se preocupa com o outro para que possa julgá-lo. Ele se coloca como um observador externo. Às vezes, ao olhar para esse(s) "outro(s)", não consegue compreender o lugar de si no mundo. Dessa maneira, os recursos quadrinísticos observados (quadros sem linhas demarcatórias; expressividade facial e corporal; a presença do microscópio como parte do cenário) contribuem para a significação pretendida e do que está contido na vinheta e fora dela. Eulália contribui com o processo de significação e de representação, sendo "o contraponto de Téo" (Santana, 2024b, p. 09). A interação entre eles permite que Téo questione tanto o "outro" quanto a si mesmo.

Referências

ACEVEDO, Juan. *Como fazer histórias em quadrinhos*. São Paulo: Global Editora, 1990.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BORGES, Maria Isabel. Um estudo sobre as histórias em quadrinhos: alguns princípios teórico-metodológicos. *In:* OLIVEIRA, Esther Gomes de *et al*. *Duas décadas de contribuição do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – UEL*. Londrina: Eduel, 2023. p. 179-206.

BORGES, Maria Isabel; COMINATO, Alisson Rodrigo Bertan. O mundo dos humanos sob a percepção de Joana e Eulália: uma análise de tiras. *In*: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes; SILVEIRA, Éderson Luís (org.). *Educação e múltiplas linguagens*: olhares transdisciplinares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. v. 4, p. 166-185. *E-book.* Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/educacao-e-multiplas-linguagens-olhares-transdisciplinares-vol-4/. Acesso em: 14 jul. 2024.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos*: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CURY, Caetano. *Téo & O Mini Mundo*: o livro. 3. ed. São Paulo: Edição do autor, 2020. (A)

CURY, Caetano. *Téo & O Mini Mundo*: o lugar do outro. São Paulo: Edição do autor, 2020. (B)

CURY, Caetano. *Téo & O Mini Mundo*: quentinho no coração. São Paulo: Edição do autor, 2022.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*: princípios e práticas do lendário cartunista. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

RAMOS, Paulo. *Tiras livres*: um novo gênero dos quadrinhos. 2. ed. Paraíba: Marca de Fantasia, 2016.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTANA, Maria Heloiza Alves Pereira. A linguagem dos quadrinhos: desvendando a percepção do mundo dos humanos sob o olhar das personagens Téo e Eulália. *In*: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes; SARAIVA, Luciano Mendes (org.). *Linguagens, Educação e suas Interfaces*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. v. 3, p. 53-65. *E-book.* Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/wp-content/uploads/2024/08/EBOOK_Linguagens-Educacao-e-suas-Interfaces.-Vol.-3.pdf. Acesso em: 10 out. 2024. (A)

SANTANA, Maria Heloiza Alves Pereira. O protagonismo de Eulália na construção das tiras em Téo e o Mini Mundo, de Caetano Cury. *9ª Arte*, São Paulo, p. e219036, 2024. DOI:10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e219036. Disponível em: https://revistas.usp.br/nonaarte/article/view/219036. Acesso em: 12 out. 2024. (B)

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 07-72.

Recebido em: 31.10.2024.

Aprovado em: 28.07.2025.

Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional